

RECENSÃO

A evolução do Darwinismo, António Bracinha Vieira,
Editora Fim de Século, Lisboa 2009

O livro “A evolução do Darwinismo” é um relato conciso, muito concentrado, mas ao mesmo tempo de uma extraordinária clareza, do significado da teoria da evolução e das evidências que a suportam. Esta obra resulta da assumpção de um espírito de missão por parte de António Bracinha Vieira, um antropólogo, evolucionista de longa data e principal responsável pela introdução da Etologia – o estudo das bases biológicas do comportamento – em Portugal. Num ano de dupla comemoração darwiniana, em que se comemoram 200 anos sobre o nascimento de Charles Darwin e 150 sobre a publicação da Origem das Espécies e perante a insistência de certos sectores religiosos e ideológicos da sociedade, por vezes dotados de grandes meios económicos, de uma resistência obscurantista ao pensamento evolutivo, A. B. Vieira entendeu dever dar o seu contributo de evolucionista para ajudar à compreensão dos fundamentos da teoria da evolução e dos factos que a suportam. E fá-lo de uma forma notável.

Com um escrita elaborada e sem cedências, mas ao mesmo tempo muito clara e objectiva, o autor realiza um verdadeiro exercício de erudição pela forma como, em poucas páginas, consegue alinhar e explicar conceitos complexos e as suas implicações como a selecção natural. A ausência de finalismo na teoria de evolução, a existência de um pensamento estruturalmente populacional em Darwin – algo que demorou muito tempo a vermos surgir no conjunto da Biologia –, o significado de uma teoria predictiva da evolução, ou as armadilhas ideológicas, são tratados de forma clara e capaz de estimular a reflexão do leitor.

Ao descrever as cinco teorias englobadas no que designamos por teoria da evolução, a saber: evolução, descendência comum, gradualismo transformacional, irradiação de espécies e selecção natural, A. B. Vieira esclarece-nos que as evidências são tão grandes que ela adquiriu o mesmo estatuto do conceito de esfericidade da Terra ou do facto de a Terra orbitar em volta do Sol e não o contrário. Nestas circunstâncias, alerta, seria um profundo retrocesso civilizacional se, como sucede nalguns estados norte-americanos, o ensino da teoria da evolução viesse a ser nivelado com o de modelos obscurantistas, fixistas, neocriacionistas e de desenho inteligente. “a História seria uma aventura falhada” (p. 23) afirma.

A obra divide-se em quatro partes: uma crítica aos preconceitos em torno da teoria de evolução, seguida de uma explicitação das sínteses evolucionistas, da apresentação dos argumentos em favor da evolução e, finalmente, uma análise crítica das relações entre biologia e ideologia relacionadas com o conceito de evolução.

A distribuição geográfica das espécies seria um puzzle sem sentido sem evolução. E é extraordinário como o desenvolvimento de uma outra teoria científica, no início do Séc. XX, da deriva continental de Wegner, veio dar sentido a muitos eventos evolutivos notáveis. Como o caso do *Mesosaurus*, um réptil aquático que se encontra em estratos fósseis datados de 280 milhões de anos, na Namíbia e no Brasil. O paradoxo está no facto de ser uma animal de regiões estuarinas, que não se aventura em alto mar. Como então explicar uma distribuição geográfica tão invulgar? Sabemos hoje que esses dois continentes estiveram ligados (e têm continuidade geológica) na época em que o *Mesosaurus* viveu.

Tem sucedido com a teoria da evolução que novas descobertas em outras áreas vêm corroborar os factos que ela sustenta de forma extraordinária. O caso mais recente é o do advento da biologia molecular. Sabemos hoje que a vida, ou pelo menos as instruções para a produzir, está codificada em sequências de letras nas células de todos os seres vivos. Ora organismos mais parecidos partilham mais informação semelhante. Esse facto permite-nos hoje reconstituir os eventos evolutivos passados. E o que se tem descoberto é de uma impressionante coincidência com o que a teoria da evolução prediz. Nomeadamente no que diz respeito à nossa espécie. Inegavelmente que os receios mais retrógrados e ideológicos relativamente à teoria da evolução, resultam do facto de ela colocar a nossa espécie no seio da natureza, não como o seu produto final e definitivo, mas como resultante típico do processo evolutivo, acrescentando que os chimpanzés são os nosso parentes mais próximos. É agora possível colocarmos mesmo uma data no momento de separação entre os antepassados das duas espécies: 7 milhões de anos, pouco mais de 350 mil gerações.

António Bracinha Vieira aproveita ainda para criticar os reaccessos neolamarckistas, a falsa ideia, muito persistente em ciências sociais, de que o darwinismo teria produzido o darwinismo social, a ideia do nosso enclausuramento numa irremediável condição humana, ou os modelos de 'evolução orientada'. Termina desmontando a última fronteira do preconceito da separação humano-não humano: a origem e exclusividade da linguagem.

Esta obra não irá convencer do contrário espíritos agarrados a preconceitos não científicos que rejeitam a evolução das espécies. Não se destina a espíritos convertidos, nem seria fácil de outro modo. Contudo, será muito útil e esclarecedor para aqueles que procuram construir o seu conhecimento e compreensão das coisas a partir de uma abordagem racional sobre a realidade que nos rodeia.

Paulo Gama Mota